

rebeca



Revista Brasileira  
de Estudos de  
**Cinema**  
e Audiovisual

## Mário Peixoto, Octavio de Faria e a invenção de *Limite* (1931)

Denilson Lopes<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professor Associado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autor de: *Afetos, Experiências e Encontros com Filmes Brasileiros Contemporâneos* (2016); *No Coração do Mundo: Paisagens Transculturais* (2012); *A Delicadeza: Estética, Experiência e Paisagens* (2007); *O Homem que amava Rapazes e Outros Ensaios* (2002); *Nós os Mortos: Melancolia e Neobarroco* (1999). Email: [noslined@bighost.com.br](mailto:noslined@bighost.com.br)

**Resumo**

Estas são cartas inéditas, em grande parte, de Octavio de Faria para Mário Peixoto, escritas desde o fim dos anos 1920 até 1933, pelas quais Octavio realiza uma campanha publicitária em favor de *Limite* (1931). Pelas cartas, podemos ver uma longa amizade (que durou até a morte de Octavio de Faria), as ansiedades de jovens artistas, como foi a primeira apresentação de *Limite* em 17 de maio de 1931 - e, ao mesmo tempo, as cartas ajudam a desmitificar o suposto isolamento de Mário Peixoto.

**Palavras-chave:** Mário Peixoto; Octavio de Faria; cartas; *Limite*.

**Abstract**

These are unpublished letters from Octavio de Faria to Mário Peixoto, written from the late 1920s to 1933, in which Octavio carried out an advertising campaign in favor of *Limite* (1931). Through the letters, we can learn about a long friendship (which lasted until the death of Octavio de Faria), the anxieties of young artists, how was the first presentation of *Limite*, on May 17<sup>th</sup>, 1931 - and, at the same time, the letters help to demystify the alleged isolation of Mário Peixoto.

**Keywords:** Mário Peixoto; Octavio de Faria; letters; *Limite*.



A amizade entre Mário Peixoto (1908-1992) e Octavio de Faria (1908-1980) é longa, desde a infância até a morte de Octavio. Aqui, gostaríamos de resgatar o momento da relação entre Octavio e Mário, no fim dos anos 1920 até 1933, que tem um registro privilegiado nos dois volumes dos diários inéditos de Mário Peixoto, publicados em 1933 com o nome de *Cadernos Verdes* (um terceiro volume parece ter se perdido). Por ser um material inédito, nossa intenção é perceber o que antecedeu à primeira exibição de *Limite* em 17 de maio de 1931 como um marco do Modernismo no Rio de Janeiro, bem como a oportunidade de mapear experiências de artistas em formação. Não temos pretensão maior do que fazer uma apresentação comentada da seleção desse material.

Os *Cadernos Verdes* são dedicados a Octavio de uma forma peculiar, quase num pedido para que ele os publicasse<sup>2</sup>.

Octavio, não tenho por hábito oferecer “lama” aos meus amigos. É na terra mesmo que ela se purifica e vem a produzir – estiliza-se, querendo você melhor – mas nada fora dela. A você, que aí ficou ainda, de redimi-la com a sua publicação. A terra lhe será grata.

Santa-Justina.<sup>3</sup>

Maio de 1933.

Por que oferecer lama? Seria o tom íntimo do diário algo que não compartilhava com amigos? As cartas de Octavio de Faria a Mário presentes nos *Cadernos Verdes* são vestígios das sessenta e quatro que Mário Peixoto dizia ter, e de apenas duas que Mário lhe escrevera. Os estilos são bem diversos, mas o recorte feito enfoca mais assuntos intelectuais do que pessoais.

De todo modo, a datação parece indicar uma revisão que Mário fez sobre um material bruto, o que parece não ter acontecido no *Diário da Inglaterra* (1927), e o quanto ele cortou ou editou teríamos que ver nos originais das cartas (até o momento, consideradas perdidas). Tive apenas acesso à versão digitada dos *Cadernos Verdes*. Como se sabe, trechos desses diários, conforme descoberta de Roberta Gnatalli (que digitou os textos), aparecem nos seis volumes do inédito *O inútil de cada um* (1992).

<sup>2</sup> Faremos modernização da ortografia.

<sup>3</sup> Fazenda do tio de Mário Peixoto, Victor de Souza Breves, em Mangaratiba, onde ele filmou *Limite*. O local, em cuja proximidade também há hoje comunidades quilombolas, foi invadida pelo MST em 2004 (GASPARI, 2004).



A própria natureza dos *Cadernos Verdes* é questionada por Mário Peixoto: “Em vão procurei nos meus papeis guardados a carta que devia iniciar este diário (Poderei chamá-lo mesmo de diário?)”. Ele insere cartas de suas primas e de seus amigos, sem que tenhamos muitas vezes a versão dele sobre os fatos. Aqui haveria ainda uma tarefa a fazer, porque há rascunhos de algumas cartas no Arquivo Mário Peixoto que poderiam ser usados. As cartas que Mário escreveu estariam com seus remetentes, os parentes desses ou perdidas.

Essa escolha do uso maciço de cartas de outras pessoas em seus diários traz revelações que o próprio Mário nos permite ver, ao selecionar o que lhe é escrito. Desde o princípio, já percebemos que o diário que vemos ler teria outra função - como a busca frustrada de uma carta referente a uma decepção com sua prima G (Genoca?), que Mário consideraria como um “prefácio” - o que já sugere um diário a ser publicado.

A parte inicial dos *Cadernos Verdes* remete à infância e à adolescência, da qual não trataremos aqui. Focaremos nas cartas a partir de 1928, quando aparecem as primeiras cartas assinadas por “O.”, que deve ser seu amigo Octavio de Faria. Aqui, pela primeira vez no diário, questões intelectuais e artísticas aparecem de forma mais decisivas. Apesar de ambos terem a mesma idade, parece que é Octavio que sempre está aconselhando a Mário.

Nas cartas de Octavio a Mário, sempre considerando que Mário possa as ter alterado quando estava revendo o material, no interesse de publicá-lo ou ter incorporado no grande projeto de *O inútil de cada um* (1992), aparecem registros de trabalhos de Mário Peixoto desconhecidos, e posicionamento de Octavio de Faria sobre o papel do artista - em grande parte, a partir do que Mário lhe enviou ou fez. Como diz sobre uma peça de Mário Peixoto: “O que eu quero dizer é que ela não vai ser apreciada como devia. Você que viu ‘A Turba’<sup>4</sup> conhece os juízes que te esperam. E como me parece que eu mesmo não sou mais que um deles vou parar para não cuspir mais para o alto. Só há um juiz para sua obra: você mesmo”.

Na carta seguinte, datada de 21 de agosto de 1928 (PEIXOTO, 1933), ao lamentar que Mário desistira da peça, Octavio acaba por fazer sua própria confissão de artista quando jovem que só estrearia como romancista em 1937.

Como você bem pode acreditar eu também já me ensaiei nesse gênero. Talvez não acreditasse, porém, se eu dissesse o número de peças, romances e contos que tenho começado, e alguns mesmo prontos para uma correção que não veio ainda – e que, creio, nunca virá – porque não me

---

<sup>4</sup> Filme de 1928, dirigido por King Vidor, que fala dos sonhos perdidos de um jovem.



agradam. Pensa você que eu desanimo por isso? A gaveta bem trancada para ter certeza que ninguém leu, lê ou vai ler as minhas “burradas”. Vou continuando a imaginar e a escrever o que imagino. Um dia talvez, se sair alguma coisa que preste, você terá ocasião de ver na vitrine de uma livraria qualquer o meu nome na capa de um volume (entre parêntesis, eu, pessoalmente, faço pouca fé nisso).

De forma explícita, na continuidade da correspondência, Octavio de Faria faz uma avaliação do amigo, das consequências de sua formação de “menino rico e prendado moral como intelectualmente”, “menino de família”, e a implícita necessidade de ruptura com esta formação para ser um artista, na anunciada longa carta que ele escreve em 26 de julho de 1929 (PEIXOTO, 1933). Ali, ele demonstra ver em Mário uma falta de persistência que talvez anuncie as dificuldades em concluir trabalhos após *Limite*: “Você vive mudando de orientação. Não tem a força de errar até o fim num sistema. Logo que você perde a confiança no sistema em que você se lançou com entusiasmo, você murcha, desanima, desiste”. Octavio critica também sua impressionabilidade, como se esta derivasse de uma falta de vontade para construir uma obra pessoal: “Natureza, portanto extremamente sensível que vive no contacto de muitos pensamentos diferentes (o burguês – honrado de seu pessoal, o artístico – aventureiro do teatro de brinquedo<sup>5</sup>, etc.)”. Subjaz ao desejo de uma obra pessoal, uma afirmação de uma personalidade forte.

A verdade, a verdadeira solução é a gente se construir um sistema, e ficar dentro dele, fechado, intangível. A você que chegou a um sistema desses (eu discutirei depois o sistema em si) eu não perdoo essa constante dúvida sobre si mesmo – ou ainda pior: que v. permita constantemente aos outros de se intrometerem na sua vida perturbando-a como perturbam dada a sua extrema sensibilidade.

Na vida é preciso teimosia, cabritismo. Burrice mesmo nesse sentido de se obstinar no que quer. Se não se fizer assim, o mundo pega da gente e começa a mandar para cá, para lá, para onde houver lugares vazios – e serão forçosamente os piores lugares. (...). Antes o inferno procurado, querido, do que o céu imerecido, a que a gente vai porque o destino quer.

---

<sup>5</sup> Grupo de teatro no fim dos anos 20, precursor do teatro moderno no Rio de Janeiro.



Que é uma tradução da coragem nietzschiana de ser o que se é.

Daí em achar um absurdo a ideia de nossos pais que dizem que nos querem “corrigir dos nossos defeitos”. (...) mas se a cura for radical, isto é, de todos os defeitos, o pobre sujeito fica muito mais sujeito a essa despersonalização completa que faz com que a vida faça o que quer desse e daquele. Ficam as qualidades, dirão alguns... mas, como na maioria dos casos, as nossas qualidades são defeitos aos olhos de nossos pais... o produto de uma educação dessas, será sempre um medíocre incapaz de se elevar acima do rebanho de carneiros que anda por aí... (Eu ou você, honestos empregados de casa comercial, ou mesmo exemplares estudantes de direito, seríamos ainda menos do que somos, não sendo nada - se me perdoa a “gaffe”).

Octavio expressa um desejo de que Mário vá mais longe: “O que eu acho, porém, é que o que v. quer é pouco. Eu espero mais coisas de você...”. A amizade persiste mesmo com posições artísticas diferentes, como Octavio diz em carta de três de maio de 1930, ao ler alguns poemas de *Mundéu*, primeiro livro de poemas de Mário Peixoto, que seria publicado em 1931:

E isso apesar de nós estarmos em extremos opostos, isto é: você, modernista, e eu, já tendo renunciado a toda e qualquer possibilidade disso, no outro polo, ingressando nas fileiras da ordem literária. Isso não quer dizer que eu exija rima, número de sílabas, etc., mas que eu me convenci de que nenhum dos dois extremos tem razão. Assim eu volto à ordem, com algumas aquisições que o movimento moderno trouxe indiscutivelmente.

Ao se colocar numa posição bem crítica em relação ao Modernismo de 1922, Octavio se situa mais no campo moderno do que modernista. Curioso ele chamar Mário de modernista. Sem dúvida, seus poemas de *Mundéu* (1931) se aproximam de uma dicção coloquial, mas até agora não identifiquei a aproximação entre Mário Peixoto e os modernistas paulistas. Há um registro de uma troca impessoal de bilhetes<sup>6</sup> em que Mário Peixoto pede um roteiro seu que estaria com Mário de Andrade. Este responde, mas não há as longas cartas que Mário de Andrade enviou a tantos outros jovens intelectuais.

<sup>6</sup> Estão na Cinemateca Brasileira em São Paulo.



Também as dificuldades nas relações sociais aparecem, mesmo quando Mário Peixoto tinha uma vida social mais intensa - como aparece em bilhete enviado de Paris, em 19 de julho de 1929 (PEIXOTO, 1933), assinado por um pseudônimo, mas que poderia ser de Octavio: “Você é dos tais que gosta muito de marcar datas... e de desmarcar... Esse ano em Petrópolis você desceu 10 vezes antes de descer de fato, não foi? Agora com mais razão... Snr. Vedette do Snr. E. A. Dupont!”.

Em poucos momentos, podemos perceber a intimidade entre Octavio e Mário - como aparece neste outro bilhete não assinado, escrito de Paris em 25 de julho de 1929 (PEIXOTO, 1933), sem referência a fatos políticos, históricos e sociais:

Mário.

De malas prontas, já metade aqui, metade no vapor. E dizer que nós perdemos por dias essa boa ocasião de “cortar” um pouquinho na pele alheia<sup>7</sup>, hein? Aqui as paredes e os parentes não ouvem... felizmente... –

Recebi sua carta repleta desse desânimo que você, eu acho, deve combater o mais que puder... (enfim, não insisto; isso é da carta grande).

Em carta do Rio de Janeiro, de 2 de janeiro de 1930 (PEIXOTO, 1933), de O. a Mário, transparece um certo desencontro entre os circuitos de amizades do dois:

Mário,

Notícias suas, tive outro dia pelo “B”.<sup>8</sup> Na fazenda, você? Não entendi o que havia... e fico à espera de maiores esclarecimentos. E o teatro... não mais “de brinquedo”... é “de verdade”? Notícias dele, por favor.

Aí vai a sua “Dança”... Quando nos encontrarmos a “tesoura”<sup>9</sup> funcionará... Mas posso garantir que quase enferrujou de pouco uso durante esse último tempo.

“O.”

A carta termina com um curioso “P.S.”, no que se refere ao cuidado com o tema da homossexualidade e o distanciamento do feminino:

P.S. – Pelos mais terríveis “antros” cinematográficos d’aqui, está passando um colosso do Pabst que se chama “A Caixa de Pandora”... Merece ida à pé à Tijuca sem certeza de bonde para a volta – Não perca – E não leve senhoras nem

<sup>7</sup> Fofocar?

<sup>8</sup> O músico Brutus Pedreira?

<sup>9</sup> Expressão com variantes que diz respeito a críticas.



mesmo sendo casadas. É brabo!... Tem um estudo de “Safismo” m<sup>to</sup> bem feito.

Quanto a *Limite*, apesar de Mário Peixoto dizer que Octavio de Faria só viu o filme quando concluído, a relação entre os dois durante sua realização foi muito estreita. Octavio acompanhou desde um envio dos primeiros *stills*, como aparece na carta de 12 de agosto de 1930 (PEIXOTO, 1933). A expectativa criada e a aposta no filme são tão grandes que Octavio propôs atrasar um número de “O Fan”, jornal do *Chaplin Club*, para poder ver o filme completo (ou pelo menos o roteiro) e publicar um artigo consistente sobre ele. Isso que acabou não acontecendo, pelo fato de o filme demorar bem mais a ficar pronto do que era possível esperar. Como diz em 21 de setembro de 1930 (PEIXOTO, 1933):

Eu queria dar uma notícia no Fan de responsabilidade. Sabe o que é, não? Dizer que o filme “promete”, que “as cenas que eu vi deixam adivinhar muita coisa” não só não vale a pena como não vai comigo nem com o jeito geral do Fan. Cheira demais a propaganda do cinema nacional, por ser cinema nacional.

Em dezembro daquele ano, a montagem ainda estava sendo feita. Na carta de 15 de março de 1931 (PEIXOTO, 1933), após ter visto parcialmente *Limite*, Octavio pouco fala do que pensa e mais como o filme podia receber críticas, numa verdadeira “campanha publicitária” para colocar *Limite* além do debate sobre cinema brasileiro. Na carta de Octavio de 1º de maio de 1931 (PEIXOTO, 1933), descobrimos que o próprio Mário Peixoto pediu que fosse retirada a referência ao “nacional - embora não saibamos que motivos (de Mário) Octavio considerava fracos. De todo modo, a campanha de Octavio de Faria foi compartilhada por Mário Peixoto - que, parece, nada tinha do artista isolado e desinteressado de repercussão, e culminou na apresentação de *Limite* em 17 de maio – como sabemos pela presença do nome de Mário Peixoto na imprensa nos anos 1930, mesmo depois da apresentação de *Limite*, e pelas notas e matérias sobre a filmagem de *Onde a terra acaba* (não concluído).

(Rio, 15 de março de 1931)

Mário.

Ainda com os olhos cheios de *Limite*. Por maior que fosse a confiança confesso que não esperava tanto.

Apesar de estar nesse momento ultra sem tempo por causa do meu livro, não só já cuidei dos artigos prometidos, como já escrevi um deles. (...)





Creio que será fácil colocar um artigo no “Mundo Ilustrado” (assim afirmou pelo menos o “S.”...), o outro no “O Jornal”, suplemento, na página literária dos Domingos – que é muito lido não só aqui no Rio como no interior.

Pensei em estabelecer a minha “campanha” do seguinte modo: dois artigos, bem diferentes e visando públicos diversos, (admitindo que as fotografias façam alguém ler os artigos).

Um (o do “Mundo Ilustrado”, com fotografias) para o “geral”, bem insignificante, tipo “social”, mexendo apenas em generalidades. Uma espécie de apresentação geral, fazendo um pouco de força para mostrar como o público deve ver e entender o filme – porque creio que é um ponto importante. Creio mesmo que você deveria fazer força nesse sentido (sugestões à publicidade) porque como você sabe não há nada mais cretino do que público de cinema (cada dia me convenço mais disso). É preciso que você indique ao público como deve ver o filme. Por mim vou tecendo os meus pauzinhos.

O outro artigo já está feito mais ou menos. É o artigo sério, maçudo – tipo Fan, para quem entende de cinema. Chama-se “Natureza e Ritmo” – “a propósito de *Limite*, filme nacional”. O “a propósito” é apenas para chamar mais gente, porque o artigo é todo sobre *Limite*.

Creio que você terá surpresa lendo-o. Há uma ou outra restrição (suprimíveis, aliás, se você achar que isso pode prejudicar a “publicidade”. Por mim, acho que se dá precisamente o contrário) mas o filme é discutido não em função do cinema nacional e das suas habituais fraquezas, mas do cinema em geral como um filme qualquer – como merece.

Mando-o um desses dias para você ver o que acha e se é necessário modificar alguma coisa. Quanto ao outro, ainda não escrevi porque, com franqueza, preferia ver o que ainda falta de *Limite* para poder falar com mais conhecimento de causa. Como nesse artigo não quero descer a detalhes e sim ficar só nas generalidades, sinto de certo modo falta do que



não vi. Mas como não há pressa, creio que está tudo muito bem.

Um desses dias – assim que tiver tempo para copiá-lo – mando o artigo já escrito.

“O.”

Ainda em 28 de março de 1931 (PEIXOTO, 1933), Octavio narra terminar o segundo artigo previsto sobre *Limite*, antes da exibição, imaginando já um terceiro artigo e a possibilidade de falar do filme seguinte de Mário, então chamado *Sonolência*, destinado a um público maior e a fazer de Carmen Santos uma estrela (sendo esta quem critica o título, que acaba virando *Onde a terra acaba*):

Mário.

Aí vai cópia do artigo já pronto (faltam apenas retoques) sobre *Limite*. Como expliquei, é o que me parece que vai sair no “O Jornal”. Veja o que acha – sinceramente. Se achar que alguma frase pode ser prejudicial ao filme (bilheteria ou “relações”) diga, porque é fácil dar jeito.

Lendo-o não se esqueça de que é artigo nº 2, isto é, que há um inicial, de generalidades, etc., como expliquei.

Esse, ainda está em esboço. Estou esperando pelo resto de *Limite*. Quando? Será que eu vou ganhar a corrida?

Já estou imaginando um possível artigo nº 3 sobre *Limite* para o Fan, dessa vez tocando o pau do ponto de vista da continuidade absoluta. Estou apenas esperando para ver o resto do filme – e que chegue o dia do próximo número do Fan (*Limite* pode, portanto passar descansado... quando o artigo vier já se estará provavelmente falando de *Sonolência*).

Tem que me agradecer muito pelo *reclame* de *Limite* que tenho feito “de boca”. Nem o “P.L.”<sup>10</sup> me ganha. O “S.” já está falando do filme como se o tivesse visto. Se você quer publicidade...

“O.”

O lançamento se aproxima e tudo é cuidadosamente planejado. A quantidade de convidados e o texto do convite eram preocupações de Octavio, até aí sugerindo o embate entre nacionalistas e cosmopolitas cinéfilos, antecipando a reação negativa que

---

<sup>10</sup> Pedro Lima?



a obra poderia ter, buscando talvez ter na plateia quem pudesse ser também favorável ao filme. Parece uma guerra a ser travada com vozes discordantes no *Chaplin Club* e como fazer para que o filme tenha repercussão. Uma verdadeira batalha campal e midiática, talvez como a que se preparou em torno da apresentação do balé *Sagração da Primavera*, com música de Igor Stravinsky e coreografia de Nijinsky, em 1913, em Paris, e da Semana de 22 em São Paulo - só que agora centrada em torno de um filme. Curioso que mesmo não tendo uma adesão ao Modernismo e a um cinema de vanguarda, Octavio demonstrava uma clara compreensão da natureza do jornal, da diferença entre entrevista e artigo, demonstrando um empenho tão total a favor do filme - mesmo quando comentava a vaia que gostaria de dar para certa cena<sup>11</sup>. Naturalmente há uma lealdade ao amigo Mário Peixoto, superior às diferenças artísticas que tinham, bem como, para sermos justos, a percepção de que *Limite* representava a encarnação dos ideais defendidos pelo *Chaplin Club* em favor não só do cinema silencioso, mas de um cinema de qualidade (PEIXOTO, 1933). Contudo, *Limite* representou uma falsa vitória - uma vitória de Pirro, devido à hegemonia do cinema falado e de um cinema comercial de baixa qualidade. Mas há derrotas que valem mais do que vitórias. Diferente de outros atos de vanguarda que se julgavam inaugurais, havia aqui também mais um enterro de uma época não só do cinema, mas de um mundo há muito perdido que naufragaria igualmente nas imagens de *Limite*:

Rio, 28 de abril de 1931

Mário.

Junto você encontrará um artigo de jornal e as listas. O artigo é uma espécie de entrevista que tive de dar e onde falei de *Limite*, como você verá (fim do artigo). Não preste atenção ao resto do artigo. Sabe o que são entrevistas... Além disso, o rapaz achou que para agradecer precisava fazer aqueles elogios descabidos do princípio, que me impediriam de chamar a sua atenção sobre o artigo se não fosse a necessidade em que me sinto de agradecer desse modo um pouco, tudo o que a sessão de *Limite* representa para o *Chaplin Club*. Peço que leia este e os demais artigos nesse sentido.

Quanto às listas, vão com duas espécies de sinais. Uns, as cruzes (x), significam que não vejo o menor interesse para

<sup>11</sup> Seria a única cena com intertítulos? Sem seus três intertítulos, o filme seria o triunfo exclusivo da imagem e do som.



nós ambos (*club* e você) em convidar tais pessoas. A menos naturalmente que você tenha alguma razão... Nesse caso, como não tenho o menor interesse em não convidar, decida você.

Os outros sinais, pontos de interrogação (?), indicam ora que não conheço a pessoa, ora que não percebo a razão de se convidar. Mantenha na lista os que você quiser. Inteiramente a seu critério... Não pense entretanto que vai faltar gente. Você verá que na última hora, inevitavelmente, faltarão convites. Além disso não convém a *Limite* uma “casa” inteiramente cheia. Quanto mais restrito, mais “intelectual” o ambiente estiver, tanto melhor. É bom que desde já se cuide de evitar certos cacetes e cretinos que só servem para trazer amolações durante a sessão.

Para mim o pior é que ando seriamente ameaçado de não poder assistir à sessão. Imagine o trabalho que o “C.” vai ter para “receber” esse pessoal todo. Trata-se do seguinte: estou com minha avó em estado que não permite de modo nenhum esperança alguma. É uma questão de dias, creio eu.

Como pode imaginar, se as coisas se derem tal qual prevejo, não poderei estar presente à sessão, ainda que seja metido num canto. Você conhece o tamanho da língua de muitas das pessoas que irão á sessão...

Creio porém que nada disso trará obstáculo à organização da sessão. Faz-se tudo com jeito e na hora vocês bancam os figurões e recebem as palmas e o discurso do “S.C.” – inevitável. É o que compensa um pouco a quem não assiste à sessão. O com que não posso me conformar é de não estar presente para vaiar uma certa cena nossa conhecida...

Enfim, vamos cuidar apenas do que há e deixar o que está para acontecer para depois. Pensei em mandar fazer os convites com o seguinte teor: “O Departamento Técnico do *Chaplin Club* tem o prazer de convidar V.Ex. e E<sup>xma</sup>. Família para assistir á realização de Mário Peixoto: *Limite*, filme nacional de cinema puro, que será exibido em sessão especial para os sócios e convidados deste *Club* em 10 de Maio próximo ás 10<sup>1/2</sup> horas da manhã no cinema Capitólio”.



Pergunto: 1º. se acha bom a frase intercalada depois de *Limite* – “filme nacional de cinema puro”. Se não prefere: “filme de cinema puro”... ou que se suprima o esclarecimento. 2º se há algum “por especial gentileza de”... Paramount ou Cinédia... a acrescentar. Se houver, peço responder quanto antes.

Um ponto me preocupa. Falando de que tudo estava arranjado, você não disse se havia alguma coisa de nossa parte, a contribuir pecuniariamente para a sessão. Peço a maior franqueza nesse ponto, etc.

“O.”

P.S. dia 29 – Assim que tiver escolhido o teor do tal programa mando para você ver. Vou mandar imprimir o convite porque desse há urgência.

“O.”

Um mês antes da estreia, os convites ficam prontos (PEIXOTO, 1933):

(Rio, 6 de abril de 1931)

Mário.

Aí vão 60 convites. Se puder, faça o cálculo (mais ou menos) de quantos vai ainda precisar para eu poder me regular. Pelas minhas contas creio que vai ser preciso mandar fazer mais 100 convites (400 ao todo). De qualquer modo lembro mais uma vez que não há vantagem em convidar muita gente demais.

Só serve para trazer para a sessão gente malcriada que se não gostar da fita faz sentir durante a sessão como aqueles comentários desagradáveis de *Tempestade sobre a Ásia*<sup>12</sup>... Convém evitar. Mande apenas a quem você pensa que saberá ver o filme – e aos de obrigação. O critério do *Club* já não poderá ser tão rigoroso e eu não sei mesmo como vai ser para recusar a certas pessoas – cujo pedido eu prevejo. Por minha vontade haveria recusas até mesmo para certos membros do *Club* que eu não creio que entendam o filme. Mas como nada disso é possível, vamos para a frente

---

<sup>12</sup> Filme de Pudovkin, de 1928.



e der no que der, aguenta-se o golpe. Se alguém protestar durante a sessão diz-se que é “cinema de *avantgarde*”. Se não, que todo o mundo gostou e *Limite* cai muito no meu conceito então...

Peço que só ponha os convites no correio amanhã, sábado, porque não há pressa e é bom esperar mais um dia para dar tempo ao “R.” de refletir. Tenho muito medo desses exibidores. Nem palavra dada vale. E depois dos convites expedidos... Mas enfim, vamos ser otimistas que é melhor.

“O.”

A seleta escolha dos convidados combinava com uma redação para tentar atingir um público para além do grupo dos sócios do *Club* (PEIXOTO, 1933):

(Rio, 1º. de maio de 1931)

Mário.

Aí vai o esboço do que penso que deve ser o programa para a sessão. Acho o tamanho do programa aceitável, mas terá que variar com o tamanho do texto da tal explicação que deve encher, penso eu, exatamente as 2 páginas interiores do programa – como indico no esboço que vai junto. Peço que diga francamente se acha bom.

Quanto à tal explicação diga com sinceridade o que acha e faça as modificações que achar bem. Nem mesmo considero o texto meu. Escrevi no estilo: “Eh! Público! Vamos ver! É aqui a feira. Olhe bem!”... porque o que interessa é que seja lido antes do filme e não que tenha valor literário. Portanto, faça as modificações que achar bem – a menos que prefira uma explicação em outro tom, mais acessível às senhoras sensatas, etc. Nesse caso a fábrica também produz... “e tem um produto que há de lhe convir”. É só encomendar.

O.”

P.S. – Esqueci-me de lhe avisar que não foi possível suprimir o “nacional” do convite. Já estava na impressão quando sua carta chegou. Confesso aliás que as suas razões não me parecem de primeira ordem. Conversaremos depois.

“O.”



Depois da exibição do filme temos uma longa carta de Octavio para Mário Peixoto. As metáforas bélicas continuaram, como se a exibição fosse uma batalha em que Mário Peixoto seria um general. Mas depois da grande expectativa, a recepção parece, segundo Octavio, ter se dividido entre certa admiração pelo filme da parte dos integrantes do *Chaplin Club*, por jornalistas que nem sempre compreenderam o filme, e uma recepção fria do público em geral. A batalha parece não ter acontecido, apesar de uma cena composta por embates e vaías ter sido construída posteriormente - como nos dizem alguns participantes abaixo. Octavio chegou a listar os artigos em grande quantidade que saíram sobre o filme, mapeando a repercussão que continuava, como comenta na carta seguinte de 10 de julho de 1931 (PEIXOTO, 1933):

(Rio, 20 de Maio de 1931) (\*)

Mário.

São os generais que costumam descansar depois das batalhas e não os ajudantes, os simples comparsas. No caso de *Limite* o general não descansou e foi o ajudante que o fez. Você escreveu logo. Só hoje posso responder, só hoje tendo arranjado tempo.

O seu pessimismo diante da sessão de *Limite* para mim não se justifica. Em absoluta sinceridade digo a você que não esperava que o filme fosse tão bem recebido. Digo tão bem recebido porque o foi, naturalmente, por esses que podiam entender o filme. Quanto ao grande público, senhoras gordas e meninotes fluídicos, esses naturalmente tinham que ficar em branca nuvem. Já foi muito que não se levantassem no meio da sessão (eu, de vigia na porta, registrei uma ou duas debandadas de moças que assim mesmo, diante do meu olhar reprovativo, logo se desculpavam olhando o relógio em sinal de que tinham hora marcada). Que todo esse pessoal não tenha entendido é mais do que natural. E nesse ponto avisei bastante a você quando lembrei a restrição nos convites.

Desde que nos tivemos de curvar aos imperativos sociais dos convites familiares, não era possível esperar um ambiente de compreensão. Quem edita "O Fan" tem que ter essa visão das coisas.

O que eu esperava, confesso, era num ambiente de incompreensão geral, algumas exceções. E confesso



também, essas exceções foram mais numerosas que eu contava.

Mesmo no ambiente geral o efeito foi melhor que eu esperava. A maioria não entendeu, não foi sensível ao valor rítmico do filme – mas percebeu que era qualquer coisa de bom, de superior ao que podia compreender – que era cinema puro. Entre as inacreditáveis “piadas” que eu ouvi, uma nota foi constante: essa de pessoas que procuravam mostrar percebido que havia arte, mas que confessavam humildemente não ter educação e conhecimento suficiente de cinema para entender bem o filme desse ponto de vista artístico. Isso, naturalmente, de permeio com observações gozadíssimas de cavalgadasíssimas senhoras sobre “excessos de natureza”, “água em demasia”, etc. De uma ouvi uma frase que resumia o filme na história de um homem casado, a mulher e a amante que apareciam presos num mesmo bote. Como o filme deve ter parecido simples a essa milionária de espírito!...

Mas, em oposição, há os que entenderam. E, creia você, foram bastantes. No *Club*, por exemplo, não conheço, por enquanto, de ninguém que não tenha gostado. Mais ou menos, - mas todos. Certamente nem todos perceberam o filme todo como ele merece – mas a verdade é que só viram uma vez – e não é todo o mundo que percebe o ritmo do filme da 1ª vez.

Pelas críticas que saíram nos jornais, me parece que mesmo os que compreenderam as imagens e os que tiveram sensibilidade artística suficiente para perceber o valor estético de cada cena, mesmo esses não pegaram bastante bem o ritmo do filme. Viram fotografias, cenas – mas não o filme - (Ora, foi isso que dentro do *Club* foi pegado – coisa aliás fácil de prever e que sempre foi a minha esperança e a razão de ser do meu empenho para que a apresentação fosse feita pelo *Chaplin Club*).

Foi para mim a falta de integração no ritmo do filme que explicou os “desastres” da crítica. De outro modo não se explica, por exemplo, o artigo de incompreensão de um





homem inteligente como o “C.S. de M.” na “Esquerda” (Se consultasse o primo, o “P.S.R.”<sup>13</sup>, no *Club*, teria visto como se compreende um filme, mesmo quando só se vê uma vez...).

O meu amigo “D.C.” (“A Pátria”) depois de me ter prevenido que no seu artigo não mencionaria o nome do *Club* porque lhe tinham dado ordens para isso (mais uma das muitas “piadas” de uns nossos conhecidos – que só em carta mais detalhada poderia contar, se valesse à pena tocar nessas misérias) escreveu o seu artigo de “incentivo” – que talvez seja a melhor coisa escrita sobre *Limite*.

Mestre “V. de C.”... (angélico!)... Mestríssima “E.C.” (infantilíssima...) mas é bom deixar a tesoura enferrujar um pouco... para poder usá-la de novo quando for da época de *Sonolência*.

Quanto a essa senhora<sup>14</sup>, e quanto ao “apadrinhamento” oferecido, tenho a lembrar que é da maior conveniência para você – (e para a vida do “P.L.” que anda a servir de gato morto) que oficialmente eu não esteja interessado na dita senhora. Pode dizer mesmo que eu condeno *in totum* o comercialismo da dama ilustre. Isso fará prazer a muita gente. Pelo menos até os ânimos serenarem, o *Chaplin Club* oficialmente só se interessa por *City Lights*<sup>15</sup> (que eu já vi – assombrosa!). O que não impede que pessoalmente (e particularmente) o filme me interesse muito. Onde está o cenário<sup>16</sup> prometido?

Voltando a *Limite* gostaria de poder resumir aqui algumas opiniões (e críticas) do pessoal do *Club* – e de certas pessoas que eu considero de interesse. Seria m<sup>to</sup> longo, porém. De um modo geral o filme foi aceito no seu todo – e rejeitadas por cada um algumas cenas apenas. A censura mais comum é contra os 3 letreiros (todos os pontos de vista que você conhece...) (Entre parêntesis peço que me explique

<sup>13</sup> Plínio Sússekind?

<sup>14</sup> Possivelmente Carmen Santos.

<sup>15</sup> *Luzes da Cidade* (1931), de Charles Chaplin.

<sup>16</sup> Roteiro.



a exata significação do letreiro nº 2 – do meio – que não pude defender suficientemente bem de certos ataques feitos).

Pequenos detalhes de que uns gostam e outros não. Modos de sentir (Porque aqueles negativos?) diferentes do seu – e aqui e ali, do meu. Detalhes insignificantes. Uma ou outra discordância quanto à ritmação de tal ou qual sequência. Mas de um modo geral, a impressão é esplêndida. Uma série de pessoas, “P. de M.N.”, “A.G.”<sup>17</sup>, “P.B. de H.”, “J.S.”, “S.” – muitos deles mesmo sem compreender têm falado do filme com os maiores elogios. É um sucesso apenas entre iniciados – mas é um sucesso.

De mais a mais, o fato de *Limite* não passar para o público (“filme nacional que a maioria não compreendeu e de que os entendidos gostaram”) criou uma atmosfera em torno do seu nome que me parece das mais agradáveis. Você sabe que estou falando sinceramente – sem sch...s (sic) *Limite* já ficou entre nós. É só firmar um pouco uma ou duas opiniões vacilantes. Agora é que aquele meu artigo que não foi publicado ainda, teria oportunidade – dando conteúdo a uma admiração vaga pelo filme que anda em muitos mas que a falta de noções de cinema impede de tomar corpo. Mas infelizmente eu desconfio que o “S.”<sup>18</sup> perdeu o artigo na barafunda da livraria católica – ou que o “O Jornal” não quis publicar... Vamos esperar até domingo para ver.

De qualquer modo posso garantir a você que a sessão do *Chaplin Club* não foi o fracasso que eu esperava. Público neutro, amorfo como sempre. Entendidos gostando muito e alguns deles mais ainda do que eu – que afinal de contas ainda vou fazer oposição ao filme no próximo número de “O Fan”, do ponto de vista da minha decrépita teoria da continuidade absoluta!...

Quanto aos artigos saídos faço a lista abaixo para você ver se lhe falta algum. Caso haja outros que eu não conheço, peço que me mande dizer:

---

<sup>17</sup> Ademar Gonzaga?

<sup>18</sup> Augusto Frederico Schmidt?



“C.S.de M.” – “A Esquerda”, 18-5-931.

“P.L.” – “Diário da Noite” (2ª.ed.) – 18-5-31.

Um artista – “Correio da Manhã” – 19-5-31.

“D.C.” – “A Pátria” – 19-5-31.

“M.A.” – “Diário da Noite” (1ª.ed.) – 19-5-31.

“M.E.C.” – “Jornal do Brasil” – 20-5-31.

Quanto ao mais, não sei se deva insistir. Já toquei no assunto a você, uma vez. Deixo ao seu critério.

“O.”

P.S. – Não sei o que lhe contaram do incidente da sessão. Não nos interessa, creio – e felizmente. Faz parte de uma série de “casos” que eu faço por esquecer. Foi, entretanto (e isso em particular) a mais “réussie” de todas as cenas que a Cinédia ensaiou. Não julgava o “G.”<sup>19</sup> tão bom diretor... Os atores é que não estiveram à sua altura. Como numa certa cena de *Limite* ...

“O.”

P.S. – E a opinião de sua família? Peço que me mande dizer com detalhes. Do mesmo modo gostaria de saber o que o “G.” disse do “incidente”. Se nos atacou, não deixe de mandar contar, porque diante do que eu sei e vi isso terá o sabor único das grandes ingenuidades...

“O.”

(\*) – Carta recebida na fazenda.

Como vimos acima, há um grande esforço de Octavio em relativizar uma recepção desigual na primeira apresentação de *Limite* com a publicação de artigos e de conversas realizadas entre os membros do *Chaplin Club*. Contudo, esta primeira exibição parece ser mesmo destinada a um fato que se multiplica em versões. Como, possivelmente, todos que participaram dessa primeira apresentação devem estar mortos, o que nos restam são as próprias mudanças nas versões - a começar pela do próprio Mário Peixoto. Não temos a carta de Mário em resposta a Octavio sobre a primeira exibição, mas há um questionário feito por Saulo Pereira de Mello (1983) sobre a exibição:<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Adhemar Gonzaga?

<sup>20</sup> A única data que aparece é a de 6 de julho de 1992, que talvez seja a data de registro no arquivo, já que Mário Peixoto morreu em 3 de fevereiro de 1992.



Pedro Lima, citado, fala que não houve tumulto na sessão de *Limite* do *Chaplin Club* no Capitólio. Octavio fala em “quase vaia”. Qual a verdade?

MP- Houve tumulto e zoadas. Pedro levou com a bolsa de um estudante universitário na cabeça. Houve o diabo. Eu assisti da cabine de projeção uma boa parte da celeuma. Gritos contrários - vaias - e discursos a favor, com alunos que o faziam de pé sobre os assentos do cinema. Uma coisa muito vexatória. Saí pela porta de emergência, que ligava a cabine com a rua - eu mais o operador – que, creio, já teria dito o sr. Aníbal.

Em entrevista a Helena Salem (198-), a versão de Mário Peixoto fica ainda mais hiperbólica:

Ah, isso foi uma coisa horrível; eu fui pra cabine porque o filme era acompanhado com discos, não tinha ainda essas coisas todas, né? Então, eu sabia os pontos todos, tinha o esquema que o Brutus me deu, então eu fiquei junto com o operador; o cinema encheu, literalmente, que todo o pessoal que escrevia, pessoal de jornal, de universidade, sobretudo do *Chaplin Club*, que o Chaplin era o maior cinema da época, aliás, de todos os tempos, eu creio, né, era muito comentado. Toda gente bamba da época pertencia ao teatro em grupo: poetas, Mário de Andrade, Manoel Bandeira, toda essa gente, né, Octavio de Faria. Então eles foram. No final uma parte ovacionou o filme e outra parte começou a discutir. Aí, puxa daqui, puxa dali, saiu uma pancadaria, você não queira saber. O Pedro Lima levou até bordoadas em cima, que o Pedro era a favor, né, era fanático de *Limite*.

Contudo, a prima de Mário, Elza Barrozo do Amaral, em depoimento a Maria Celeste Lustosa em 31 de outubro de 1996, deu uma versão bem diferente:

Essa mais antiga, como foi a reação da plateia?

E: Foi normal, uma coisa assim, não foi aplaudida nem nada.

M: Mas também não foi vaiado, não teve nenhuma discussão?

E: Não, que eu visse, não.

M: Nem nenhum quebra-quebra, alguma coisa desse tipo?

E: Não. Por quê? Disseram isso?



M: Não, estou querendo saber. Transcorreu normalmente?

E: Normalmente sim. Acho que não foi gente, não interessou a muita gente.

Por sua vez, o embaixador Mário Vieira de Mello, que talvez conhecesse mais as pessoas presentes do que a prima de Mário, deu o seguinte depoimento, em 23 de agosto de 1996, a Maria Celeste Lustosa<sup>21</sup>:

P: Uma coisa que eu teria interesse de saber sobre essa primeira sessão, o senhor estava falando sobre os comentários posteriores. Nós temos a informação de que parece que houve uma certa reação da plateia após a apresentação do filme, isso é verdadeiro?

MÁRIO VIEIRA DE MELLO: A reação contrária, né...

P: Isso. Ou favorável. Houve tumulto? Houve algum tipo de reação da plateia?

MÁRIO VIEIRA DE MELLO: Não, se falou, quando acabou o filme, havia um certo tumulto, conversas em voz alta no cinema. Sem que a coisa adquirisse uma espécie de tumulto propriamente dito. Era um grupo de pessoas um pouco entusiasmadas, agitadas, falando alto umas com as outras. Tanto quanto eu me lembro, não havia nenhuma... pode ser que a minha memória esteja me traindo, mas eu não me lembro que tivesse havido uma reação violentamente contrária não. Porque havia um grande grupo de pessoas interessadas e já, de antemão, preparadas pra gostar do filme, vamos dizer assim.

P: Até porque essa sessão havia sido promovida pelo *Chaplin Club*.

MÁRIO VIEIRA DE MELLO: Que tinha já um grande número de adeptos. Eu me lembro que houve uma conversa no meu grupo, que faziam parte Octavio e Plínio... e pessoas da faculdade de Direito, que eram colegas de Octavio, Santiago Dantas, Antônio Galloti, pessoas desse tipo estavam lá e se discutiu, se conversou, durante muito tempo sobre esse filme, todas com muito entusiasmo.

---

<sup>21</sup> Há que se enfatizar que os dois últimos depoimentos foram feitos depois de 60 anos da exibição de *Limite*.



P: Qual foi, naquele momento, a sua opinião sobre o filme, e qual foi a opinião preponderante nessa discussão de grupo, posterior à sessão?

MÁRIO VIEIRA DE MELLO: Havia um certo exclusivismo, as pessoas que gostavam, gostavam muito, as que não gostavam, né... dizendo que não tinham entendido direito, que aquilo era muito *avant-gard* pro gosto dele, coisas assim. Mas não via ninguém indignado, não foi um filme que despertasse uma hostilidade, de modo algum.

Pouco antes da segunda exibição de *Limite*, em 9 de janeiro de 1932, no cinema Eldorado, em carta de Octavio de 6 de janeiro de 1932 (PEIXOTO, 1933), parecia haver alguma tensão ente Mário e Octavio: “No mais, sua carta tem tantos subentendidos – que vou aprender grego primeiro para poder entendê-la”. De todo modo, a relação entre os dois se manteve, e Octavio mandou comentários ao roteiro do então *Sonolência*, que seria *Onde a terra acaba*, apontando a possível dificuldade comercial do filme:

Pelo menos o bastante para dizer muito sinceramente a você que não acredito absolutamente na “comerciabilidade” do filme. Já se lembrou que o filme é tão “lento” (compreende o que quero dizer?... questão de ritmos de cenas e não de sequências) quanto *Limite*? Coisas lentas como *Docas de Nova York*<sup>22</sup> e *Limite* não servem para o público, felizmente...

Na carta de Octavio para Mário em 12 de setembro de 1932 (PEIXOTO, 1933), na qual ele comenta o manuscrito de *O inútil de cada um* chamando atenção para a dificuldade que o público tem diante do livro, ao mesmo tempo em que lhe manda uma peça que escreveu, ele refirma diferenças literárias entre os dois que não são explicitadas, talvez por já terem sido antes. É interessante ver escritores que se lançam nos seus primeiros trabalhos pela possibilidade de uma carreira, reafirmado pelo P.S. da carta: “Não tenho pressa do drama. Apenas, como só tenho essa cópia, peço que quando tiver acabado de ler me mande de volta... Mas naturalmente leia sem pressa, quando tiver tempo... porque temos tempo”.

Mário.

Aí vai de volta o seu romance – lido – e relido inúmeros capítulos. Mas apesar disso sinto que por ora ainda não posso dizer nada de muito seguro e consciencioso sobre a impressão total que me deu.

<sup>22</sup> Filme dirigido por Josef von Sternberg, em 1928.



Naturalmente, gostei. Gostei muito mesmo de muita coisa. Mas você sabe que não é meu jeito fazer elogios incondicionais ou silenciar o que não gostei para só falar do que gostei. É por isso que não quero julgar logo o seu romance. Preciso de tempo para compreender bem certas “recusas de aceitação” que senti que fiz ao romance durante a leitura...

Se você tiver coragem de ler esse drama que lhe mando e o prefácio que o acompanha compreenderá certamente que nossas concepções de “romance” não coincidem muito... (...) Gostei muito. Não tanto como de *Limite*, naturalmente. A “afilhada” é sempre a melhor e a mais bonita... Mas gostei – sobretudo de certos capítulos – como o da infância ou o dos passeios solitários. Muito mesmo da personalidade de Adriana e de todos os capítulos em que ela entra. De Lia, também. De muita coisa mesmo... mas há outras de que não gosto... sobretudo da “névoa” – poética mas não “de romance” – que envolve páginas e páginas... Não quero aliás insistir nisso porque ainda não sei bem...

Mas já que falei em “névoa”, deixe lhe dizer que, do ponto de vista “público”, há no romance um defeito sério: o público não vai “entender”. Vai acontecer o mesmo que com *Limite*, creio. Você exige do leitor um “esforço” que eu e outros como nós – gostamos de dar, mas a que o comum se recusa ferozmente – *Limite* sirva de exemplo –

E se em *Limite* todo o mundo se consolava dizendo que “cinema puro” era aquilo - ... aqui, numa matéria que é vergonhoso não “conhecer”, todo o mundo vai dizer que você é confuso, etc., etc. – Naturalmente haverá “críticos” que só por isso elogiarão... Mas o comum – incapaz do “esforço” – se vingará na crítica. Prepare os ouvidos para “imbecilidades” semelhantes às de *Limite*...

Apesar de tanta “tesouração” ainda tenho cara para lhe pedir indulgência ao julgar esse pobre drama que lhe vai ter às mãos. Ainda não está definitivamente correto. Quis antes da “mão final” a sua crítica de “técnico”... Peço, portanto a maior sinceridade...



Breve tornarei a “tesourar” “Caminho de Veludo”...  
“O”.

Octavio adiou a publicação da peça que mandou a Mário, como colocou em carta de 7 de novembro de 1932 (PEIXOTO, 1933), bem como está ciente do que significa publicar uma crítica para além dos méritos do texto: “Enfim vamos ver se com o tempo e com a melhora possível do meu estado sai alguma coisa sobre ‘Caminho de Veludo’.<sup>23</sup> (Se não sair lingório (sic) meu pensam que cortamos relações...)”.

Também aqui fica claro que Mário Peixoto está firme no propósito em transformar o diário em algo publicável, ao pedir permissão a Octavio para publicar as cartas que lhe escreveu (PEIXOTO, 1933):

Quanto à licença para a publicação daquelas cartas, naturalmente está dada – mesmo antes de pedida. Mas confesso que gostaria muitíssimo de passar os olhos sobre elas – primeiro para ver o que pode ter lhe interessado nelas, depois por curiosidade, pois não me lembro com exatidão do que disse. Como não sei se você tem confiança suficiente para me mandar as originais sem ter cópias, peço que com o tempo mande tirar cópias e me mande uma.

As cartas foram escritas às pressas, uma num trem, me recorde, a outra creio que no vapor de volta para o Rio... (\*) Não? Você sempre se referiu a elas com um ar de mistério que nunca compreendi bem e dando-lhes uma importância que sempre me espantou muito.

A nova decisão vem ainda aumentar o espanto. Que contêm essas cartas, no fim das contas? Não haverá nenhum equívoco, por acaso? Gostaria de relê-las para verificar por mim mesmo.

Talvez haja alguma afirmação que necessite explicação ou melhor colocação. Creio que no momento nem mesmo reli as cartas... Vale a pena, pois, relê-las hoje que você quer lhes dar tanta importância – não para os efeitos para os quais você as quer utilizar, mas para melhor compreensão do que eu realmente quis dizer na época, etc...”

“O.”

(\*) – As duas cartas recebidas em Paris, em 29.

<sup>23</sup> Talvez seja uma peça de Mário Peixoto.





De 11 de junho de 1933, temos uma carta de Mário Peixoto para Octavio (PEIXOTO, 1933), escrita da Fazenda Santa Justina, em que a figura de Octavio aparece como referência e incentivador: “Levanto a cabeça do meu trabalho – ou da minha inércia mesmo, mais habitual (pra que mentir?) – e você aí está defronte, sempre aquele ‘O’, com tudo que me induz”.

Contudo, a escrita da carta de Mário é elíptica, vaga, às vezes retórica, cheia de referências que talvez fossem compreensíveis a Octavio. De importante, a reflexão sobre a própria dificuldade de escrever o diário *Cadernos Verdes*:

No desatino, criei uma espécie de cemitério de refúgio, para todo esse anonimato sucumbido. Chama-se ele – “Cadernos Verdes”. Ali vou agrupando em forma seguida de diário, cartas e “manuscritos” – com a grande desvantagem do exclusivismo verídico... No fundo, o verme mais gordo sou eu – também o mais porco – se assim me interpretarem (obrigado que fui aos abismos descidos).

Ve-rí-di-co... Só a palavra não te sobressalta?

Reclama da ausência de referências nestes cadernos sobre o ano 1933 e da crise que vive associada à filmagem de *Onde a terra acaba*, possivelmente se referindo às dificuldades que estava tendo com Carmem Santos na filmagem.

Como vê, ainda está me faltando nos Cadernos uma ficha, nas frequências desse insípido “33” (3\*). Até parece que com a crise – crise moral, mais – que vem perpassando por tudo nesses últimos tempos, a “dama ilustre” refugiou-se num penhoar qualquer de ultima hora, a fazer “chômage” (sic)... – como já me criminou (sic) uma vez...

Mário devolve a carta de 1929 e dá notícia de seus projetos literários, emergindo a partir das dificuldades, talvez não somente associadas à realização de *Onde a terra acaba*.

Depois disso – deve perceber como não receio em absoluto colocar nas suas mãos a misteriosa carta de “29” recebida em Paris. Aí segue ela – e, se com toda essa demora, porque só agora mesmo, poderia ocorrer no perigo de ser usada “ao vivo”. Do meu posto verdejante, vou compondo enquanto isso, aos poucos, as etapas de uns meus projetos literários – e deixando revoluções se amontoarem umas nas outras,



rebocando daqui e dali como quem remenda casa condenada.

Na carta, Mário explicita as dificuldades financeiras de se realizar um novo filme:

Há coisa de mês, joguei a que considero como das “restantes partidas da casa”, propondo sociedade financeira ao “G”<sup>24</sup>, no empreendimento de um filme; até hoje – apesar das concordâncias – temo estar na expectativa de impossíveis... Desconfianças íntimas andam me rosnando – essas sim... Quisera eu, você sabe, ser o único empreendedor; mas não consigo sozinho, a família como sempre ativa. De novo – estive para eclipsar-me em “certa” companhia e cometer outras no teor (mas já sem aquele ímpeto idealista) a saúde dessa vez amedrontou-me;

Mário expressa o desejo de mandar o diário a Octavio, e já o vimos que a ele o dedica. Resta saber se Octavio chegou a ler. Teria a atuação de Octavio sobre Mário, a partir de certo momento, depois de *Limite*, ter sido mais tolhedora?

Veze há em que tenho tido ímpetos de te fazer ler, toda essa argamassa dos meus cadernos. Mas resta-me, apesar dos cercos que já derrubei a tudo – essa noção na vida ainda, do que não se faz...

A volta ao romance de Mário ocupa Octavio em mais uma carta, esta datada de 19 de junho de 1933 (PEIXOTO, 1933), quando “O” não só reforça a recusa ao Modernismo e a uma literatura pura (que ele chama curiosamente de Wildismo, em referência a Oscar Wilde), mas afirma o interesse pelo grande público.

E o resultado é que se certas pessoas conseguem pegar sempre o fio condutor, outras – o grande público – ficam no ar – sem compreender mesmo. Seu modo de escrever é para pessoas muito inteligentes (por minha parte, frequentemente sinto que fico bem aquém de certos “passes”) e finas. Não quero que você escreva para “público” – como eu – mas acho que há um grão de inteligibilidade (o de *Limite* está certo) que não se pode desprezar sem cair no risco de fazer pura literatura “Wildismos”... Seu livro não é assim, mas é difícil.

O tom aumenta, em seguida, para falar do risco de “completo insucesso” - que tem a ver não só com o estilo, mas com o que aborda.

---

<sup>24</sup> Ademar Gonzaga?



Se homens inteligentes como o Manoel Bandeira “não entendem”, o que acontecerá com o público? Dirá que você é, ou um louco varrido ou um cabotino. Maximamente o livro abordando os assuntos que aborda. Os comentários serão escandalosos. E eu não creio que o público mereça o que lhe vai trazer de aborrecimentos. Nada sugiro aqui porque voltarei sobre o assunto adiante.

Também inútil seria para Octavio apresentar o livro a uma editora e esperar uma compreensão do mercado editorial:

Nada me custaria apresentar você ao “Ariel”. Acho, porém, a mais completa inutilidade. Não interessa a eles. Visam outro gênero. Um romance que não poderá dar lucro em caso nenhum, mesmo você pagando a edição, não interessa a eles, que creio que andam recusando mesmo os livros que dão lucro médio. Digo-lhe mesmo - muito particularmente – que não estou nada satisfeito no meu caso. Como só são distribuidores, não têm grande interesse. Além disso, nenhum dos diretores entenderá seu livro. De qualquer modo, se quiser a apresentação, etc... Acho o Schmidt melhor. Ele editando, não aceitará, porque o romance assim não dá lucro. Você editando e ele distribuindo é possível. Há os perigos que você sabe... Como não ando bem com ele (negócios) prefiro não me meter no negócio. Se precisar, porém...

Não sei se no seu caso o ideal não seria uma edição limitada – não posta à venda – apenas entregue às pessoas a quem lhe interessa dar. Há o prejuízo certo. Mas esse, maior ou menor, é acompanhamento necessário de qualquer solução – a menos que se faça escândalo em torno do livro. Não acho a solução da edição limitada ideal – nem acho que se imponha. Mas parece-me examinável, desde que você possa dispor da quantia (creio uns dois contos) e esteja disposto a se privar de público, etc.

Dou todas essas sugestões, metendo o nariz na vida alheia, para que você não pense que não quero me meter na coisa por comodidade. Decida lá como achar melhor – mas pense bem antes nesses pontos em que toquei. Se o “público” não



Ihe interessa em nada – a ponto de você não se importar que ele não o entenda –, para que publicar o livro em edição de livraria, submetendo-o à inépcia dos críticos, etc.?

Por fim, sintetiza sua opinião sobre o livro:

Resultado: cansa e dá a impressão que se está constantemente mergulhado em labirintos sem luz do sol. Felizmente há muito ar – e logo você traz a cena para a claridade, para a natureza que por vezes lembra muito *Limite*. Está satisfeito com a “tesourada”?

Também comenta os *Cadernos Verdes*:

Desde que você começa a falar nos “Cadernos Verdes” até que faz entrar em cena essa “tesoura” de que não consegue se esquecer, confesso que não compreendi direito. Poderia responder vagamente – mas prefiro pedir-lhe a simples repetição do principio da carta (na fazenda não faltará tempo...) para que eu possa saber o que você quer de mim. Só então poderei responder – em consciência. Escreva simplesmente, sem “nuvens” esquecendo da ideia de “tesoura” que é tolice. Suponho que haja interesse de ambos [*nisso*] – porque de há muito farejo equívocos vastíssimos e lamentáveis...

Foi já, aliás, nesse sentido que pedi as famosas cartas de Paris. Você me mandou a 1ª apenas – que parece que é a que menos lhe interessa. Que foi isso? Falta de confiança? Fique certo que devolvo intactas – depois de relidas.

São cinco da manhã. Estou pregadíssimo e tenho que fazer amanhã. Se precisar falar-me toque para mim: até 8 e ¼ da noite: para 5-2702; de 8 ¼ até 9: para 5 – 0070. E desculpe-me tudo mais.

“O...”

E só então vemos que é de madrugada que está escrevendo. E pensar que Octavio ainda voltaria a ler a continuação de *O inútil de cada um*, talvez em muitas outras noites, até sua morte. De algum modo, este contato, como dissemos, se manteve, ao menos intelectualmente, até o final da vida, havendo uma falta de informação entre os anos que vão de 1933 até a retomada de *O inútil de cada um*, em 1967/68 – ou, segundo Arleu Valle, mesmo antes de 1962, apesar de ele ter reencontrado o manuscrito que estava trabalhando anteriormente em 1967 (MELLO, 1998).



Comenta Saulo Pereira de Mello:

Eles devem ter conversado a vida inteira. Não posso dizer qual foi a participação do Octavio nem como interlocutor nestes anos que vão de 1933 até a retomada de *O inútil de cada um* em 1967/68. Não sei o que aconteceu. Se ele teve vista dos trechos de *Sombrio*, de *O ruído persegue*; sobre isto não posso dizer nada e não consegui levantar nada disto, pois as pessoas simplesmente morreram, as pessoas que poderiam dizer algo não existem mais. O Mário não deixou nada escrito, realmente estamos diante de um *gouffre*<sup>25</sup>. Agora, eu me lembro, para você avaliar como a ligação entre os dois, literariamente, era grande, que em 1954 ou 55 eu estava na casa do Mário (estava tratando da exibição de *Limite* na Faculdade, a pedido de Plínio - e eu era menino na época, 17, 18 anos) - o telefone tocou e era Octavio de Faria - hoje sei que era o Octavio de Faria - e ele disse: "Octavio, saiu o primeiro volume do *Quarteto de Alexandria*, o *Justine*; é uma maravilha! que coisa maravilhosa! você não vai escrever nada sobre isto? Octavio, precisa escrever!...". Não sei se o Octavio escreveu ou não, mas você vê aí que a ligação deles continuava grande no plano pessoal e no plano literário, e o Mário ficou fascinado pelo livro do Durrell, e o Octavio parece que não...

Também não tenho registro de Octavio estar entre seus convidados em Mangaratiba - como aparece em carta de Octavio em 21 de setembro de 1930 (PEIXOTO, 1933), sendo uma segunda vez que menciona escrever cartas de madrugada:

Quanto à visita a Mangaratiba, não falta vontade - nem curiosidade. Mas, além das razões que você conhece, há agora absoluta falta de tempo... Até mesmo para ir ao cinema (sabe que essa carta está sendo escrita depois de 4 horas da manhã e que ainda tenho de escrever outra?).

A recusa a uma visita a Mangaratiba reaparece em carta de 7 de novembro de 1932 (PEIXOTO, 1933), de forma curiosa, considerando que Mário e Octavio tinham a mesma idade então (24 anos): "Quanto ao convite para a visita aí, isso é convite que se

---

<sup>25</sup> Abismo.



faz a homem são e não ao doente que eu caminho para ser definitivamente... Estou já velho demais para excursões... Fica no entanto aceito para quando eu puder... se algum dia puder...”.

Mesmo o convite para sair é evitado, mas nunca a leitura dos manuscritos que Mário manda a Octavio, como nesta carta de 19 de junho de 1933 (PEIXOTO, 1933):

Apesar de nada ter que fazer de sério, esses meus últimos dias têm sido assim: logo que acordo vou para a faculdade de Direito ajudar uns amigos a fazer umas provas parciais que têm. De lá saio de tarde e venho para casa aturar a minha nevrálgia de nuca que resolveu morar comigo. Não consigo paz para nada. Há quinze dias que me mudei e ainda não arrumei nem meus livros nem meus papéis.

Tudo isso tem por fim lhe explicar porque não marco o cinema que você propôs. Minha situação é essa: preciso de novo sair do Rio (o que creio aliás que conseguirei por esses dias), eu que ainda estou chegando da minha última estadia em Itatiaia. Um doente. Mais um doente no mundo.

Antes da carta há esta anotação, em que Mário parece estar lendo o diário de Octavio (PEIXOTO, 1933):

Suspendendo o braço no escuro para guardar o diário de “O” sobre o armário preto, meus dedos tateiam o embrulho e carta, colocados ali na minha ausência. Abro a luz para verificar e dou com o meu romance, de volta, mais essa esperada carta de “O”. Então, chegando-me a janela, de pé ainda, rasgo o envelope com sofreguidão, vibrando íntimo, com esse gesto...

Mário Peixoto teve uma vida longa, mas de certa forma sempre haveria de voltar àqueles poucos anos nos anos 1930, entre *Limite* e *O inútil de cada um*, que traziam mundos que desapareceram quando ele ainda era jovem - o do cinema mudo, o da sua família e classe. Para além, houve o sol, o mar e tudo que não coube numa obra.

### Referências

AMARAL, Elza Barrozo do. “Depoimento a Maria Celeste Lustosa”. Rio de Janeiro. Arquivo Mário Peixoto. 31 de outubro de 1996.

GASPARI, Elio. “O MST invadiu a história dos Breves e do Brasil”. Folha de São Paulo, 11 de maio de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1104200423.htm>.



MELLO, Mário Vieira de. "Entrevista Concedida a Maria Celeste Lustosa". Rio de Janeiro, Arquivo Mário Peixoto, 23 de agosto de 1996.

MELLO, Saulo Pereira de. "Questionário a Mário Peixoto". Rio de Janeiro, Arquivo Mário Peixoto. 7 de agosto de 1983.

\_\_\_\_\_. "Entrevista concedida a José Eduardo Marco Pessoa". Rio de Janeiro. Arquivo Mário Peixoto. 05 de março de 1998

PEIXOTO, Mário. *Cadernos Verdes*. Rio de Janeiro: Arquivo Mário Peixoto, 1933. Manuscritos.

\_\_\_\_\_. "Diário da Inglaterra". Rio de Janeiro: Arquivo Mário Peixoto, 1927. Manuscritos.

\_\_\_\_\_. *Mundéu*. Rio De Janeiro: Typografia São Benedicto, 1931.

\_\_\_\_\_. *O inútil de cada um*. Manuscrito. 6 volumes, 1992.

\_\_\_\_\_. "Entrevista concedida a Helena Salem". Rio de Janeiro, Arquivo Mário Peixoto, [198-?].